



IV JORNADA DE  
PESQUISA EM  
**PSICOLOGIA**  
DESAFIOS ATUAIS NAS  
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011  
UNISC - Santa Cruz do Sul

## **INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA DE ORIGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

*Etiane Pereira Moreira  
Dulce Grasel Zacharias  
Universidade de Santa Cruz do Sul*

### **Resumo**

Este trabalho consiste em um estudo de caso sobre a influência da família de origem na vida de duas pacientes em acompanhamento de Psicoterapia Individual no Serviço Integrado de Saúde – SIS, na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Será apresentada a história de vida de Meg e Eva, pontuando a influência da família de origem na constituição de sujeitos de cada uma, relacionando também os pontos em comuns e aqueles que se diferenciavam em suas histórias. Enquanto estagiária de Psicologia e terapeuta acompanhei este percurso, motivando e inspirando estas pacientes a articularem-se entre o que expressavam e o que sentiam, entre o que percebiam e como agiam, potencializando formas de organização sobre si e sobre suas relações.

**Palavras-chave:** Relações familiares. Valores sociais. Psicoterapia.

### **Introdução**

Neste estudo de caso, apresentarei a história de duas pacientes em acompanhamento de Psicoterapia Individual no Serviço Integrado de Saúde – SIS. Mais do que isso, apresentarei a história de duas mulheres com personalidades e estilos de vida muito diferentes, mas com experiências de vida em alguns momentos tão semelhantes que por vezes confundi-me entre elas e entre suas histórias. Cada uma tem sua própria forma de expressar e falar sobre seus problemas, uma mais emocional, a outra mais racional, porém cada uma com suas particularidades que fazem delas mulheres que superaram grandes desafios e seguiram em frente com suas vidas e com suas famílias.

O sujeito se desenvolve a partir da co-existência, convivência e co-ação na família, sendo esta a Matriz de nossa Identidade por ser a principal instituição responsável pela transmissão dos valores, culturas, mitos e crenças. A família é um laboratório de relações humanas “onde se testam e se aprimoram modelos de convivência que ensejam melhor

aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de uma sociedade mais harmônica e promotora do bem-estar coletivo” (VASCONCELLOS, 2008, p.03).

As relações estabelecidas com a família de origem são as mais importantes da vida e vão representar a base do comportamento futuro. Os valores transmitidos pelas famílias tanto podem nortear com clareza a vida do sujeito, quanto impedir o desenvolvimento de relações familiares saudáveis, se os modelos transmitidos forem de dominação, abandono, injustiça ou desrespeito. Assim, a possibilidade da qualidade emocional do indivíduo está em sua capacidade de se tornar responsável por sua história futura elaborando seus traumas, a fim de se tornar um adulto enriquecido por sua história passada, independentemente de como ela tenha sido (CUNHA, GUIMARÃES, MOURÃO, 2008).

Estas duas mulheres tiveram de superar momentos difíceis durante a infância e juventude com suas famílias de origem, e hoje, ambas relacionam os sintomas que apresentam e que carregam consigo há muito tempo aos episódios marcantes e dolorosos que passaram com seus pais, principalmente com a figura paterna. O ambiente familiar de criação, a família de origem de cada uma, influenciou sobre como são e se portam atualmente na vida.

### A História de Eva<sup>1</sup>

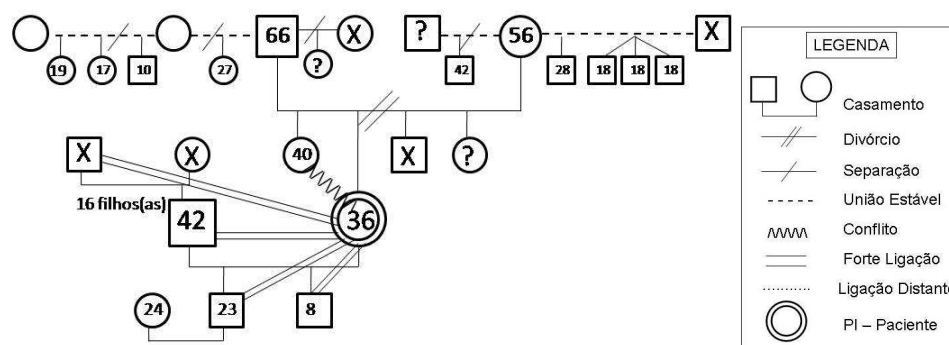


Figura 1: Genograma produzido com a paciente.

Quando tinha dois anos de idade, os pais de Eva se separaram e ela acabou perdendo contato com o pai, tem um irmão do primeiro casamento de sua mãe e uma irmã que foi separada dela com a separação dos pais, sendo que esta irmã ficou com o pai que a deixou na casa de outra família para ser cuidada. A mãe de Eva casou-se novamente e Eva sofreu

<sup>1</sup> Todos os nomes aqui citados são fictícios.

abuso sexual do padrasto dos 06 aos 11 anos. Sentia pelo padrasto ódio e considerava sua mãe ingênua por nunca ter percebido o que ela sofria. Sempre teve vergonha de contar o que estava acontecendo e até hoje guarda isso como um segredo de poucos. Conheceu seu atual marido (Ari, 42 anos) quando tinha 12 anos, Ari tinha 17 anos. Em 15 dias após terem se conhecido foram morar juntos e cresceram juntos enquanto família.

Quando tinha 14 anos nasceu seu primeiro filho (Felipe, 23 anos). Não estava preparada para ser mãe e o criou com muitas preocupações e temores. Com quatro anos de união, contou a seu marido sobre o abuso sexual que sofreu do padrasto, sentindo-se muito aliviada por dividir com alguém a culpa que carregava. Ari sempre foi muito preocupado com a esposa, estão casados há 24 anos.

Quando estava com 25 anos sua sogra faleceu e seu sogro estava muito doente. Eva decidiu então procurar seu pai. Foi ao encontro de seu pai e até hoje mantém contato com este. Mas em sua vida acredita que seu sogro foi mais importante, também por ter sido mais presente. O início de suas crises nervosas, motivo que a trouxe a atendimento, deu-se com a morte do sogro há 11 anos. Era muito apegada a ele que vinha a ser como substituto de carinho e conselhos paternos, com a morte dele parou de sorrir.

Quando Felipe entrou na adolescência, Eva tinha muito medo de que algo ruim acontecesse ao filho, sempre imaginou que tipo de sofrimento ele teria quando adulto. Sempre quis ter uma menina e acabou tendo três gravidezes psicológicas. Não teve uma menina, mas acredita que Deus colocou Rodrigo (8 anos) em sua vida no momento certo. Estava com 28 anos, seu filho mais velho estava diferenciando-se dos pais e ela não estava conseguindo suportar a preocupação e receio com ele.

Sempre considerou sua família nuclear (marido e filhos) seu mundo. São muito próximos e apegados, acredita ser muito amada e tem ótimas relações familiares. Sua família (nuclear) é perfeita, e isto a impele a procurar falhas. Para Eva sua família ampliada é muito complicada devido ao fato de seus pais terem tido muitos relacionamentos e muitos filhos. Pontua que é muita gente e que sua organização familiar é feia. Eva é centrada num modelo de família que reflete a sua união com seu marido e filhos.

## A História de Meg<sup>2</sup>

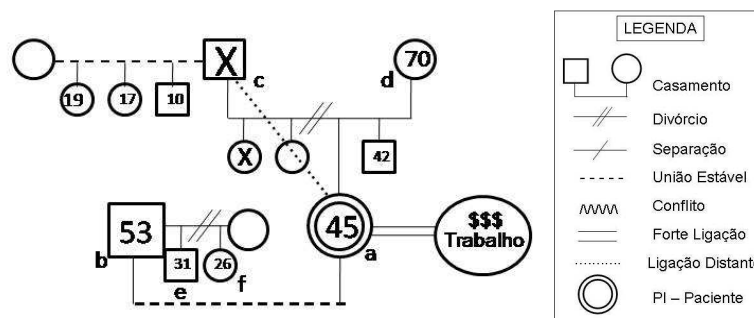


Figura 2: Genetograma produzido com a paciente

Meg herdou da mãe (Rosa, 70 anos) o medo por temporais, sendo que sua mãe trancava toda a casa e mandava os filhos rezarem quando o tempo piorava. Seu pai era alcoólatra e quando estava bêbado ameaçava a esposa e os filhos. Nestas situações sua mãe obrigava os filhos a saírem de casa para se esconderem ou os trancava em casa para que seu pai não entrasse. Seus pais se separaram e Meg perdeu contato com o pai quando tinha 08 anos. Meg tem três irmãos, e todos apresentam sintomas de ansiedade e pânico, nervosismo e agitação.

Seu sonho sempre foi fazer faculdade de Artes, mas acreditava que precisava de algo que lhe oferecesse maior estabilidade profissional e renda. Então se formou em Publicidade, área que atualmente trabalha. Fez especializações e esperava que com estes títulos conseguisse crescer profissionalmente. Porém, reclama que nunca teve sorte na vida sendo que sempre teve de lutar muito pelas coisas. Através de uma oportunidade de emprego, foi morar em uma grande cidade. Nesta época já apresentava sintomas de pânico, por isso convivia com muitas pessoas. Neste período teve sua primeira crise de pânico. Passou também por problemas financeiros com um sócio, acabou falindo financeira e emocionalmente, tendo que voltar a morar com a mãe.

Devido aos sintomas de pânico teve de tomar medicação psiquiátrica, o que não gostava. Procurou por tratamentos naturais e conheceu Lucas (53 anos), que trabalhava como massagista. Lucas era divorciado e tinha dois filhos, iniciaram um namoro e atualmente vivem em união estável há 16 anos. Meg não gosta de sobrecarregar o marido com seus problemas, são muito parceiros e possuem uma boa comunicação.

<sup>2</sup> Todos os nomes aqui citados são fictícios

Depois de adulta Meg decidiu procurar pelo pai, saber como ele estava e se estava precisando de ajuda. Descobriu que ele havia falecido há pouco tempo, tinha passado seus últimos anos morando sozinho, teve outra família e outros 03 filhos, mas nunca mudou seus hábitos e defeitos. Mantém pouco contato com estes outros irmãos.

Meg tem conseguido controlar sua ansiedade, vivenciando situações que antes não conseguia e tentando não adiantar sofrimentos. Frequenta um grupo espírita, voltou a fazer ioga, caminhada e a pintar quadros, sendo estes os momentos que lhe fazem bem, assim como ficar com o marido. Também tem pedido a Deus que a ilumine pelo melhor caminho a seguir.

### **Relacionando as Histórias**

Falar de Eva e Meg revivendo suas famílias de origem é um movimento que ambas fazem para explicar o que hoje são, sendo que aquilo que vivenciaram em seu ambiente familiar nos períodos da infância e juventude, reflete nos sintomas que carregam consigo e nas configurações de ser pessoal e familiar que construíram para si. Estas duas mulheres têm alguns fatos de suas histórias em comum, outros que se diferenciam e se afastam, para se aproximarem e se afastarem novamente.

A configuração familiar de Eva e Meg se assemelha pelo divórcio dos pais, que representa para cada uma um sentido específico. Para Eva, a separação dos pais resultou no afastamento de seu pai, que foi obrigado a se afastar da filha. Para Meg, a separação dos pais significou uma maior tranquilidade, pois a presença do pai em casa era temida. Castro (2008) pontua que é rotineiro observar crianças divididas entre pai e mãe quando estes se separam. Foi o que aconteceu a Eva, sua irmã ficou com seu pai enquanto ela ficou com a mãe. Assim a perda se duplica, perde-se o pai e a irmã no mesmo processo, gerando entre as irmãs intrigas onde uma foi preferida pela mãe e a outra abandonada pela família. Neste contexto, a função inicial da família de proteção acaba tornando-se transferência de frustrações e mágoas.

Para Meg, a separação dos pais foi sentida como positiva, ao ponto que com o afastamento do pai, afastou-se também a violência sofrida. Toda vez que seu pai bebia o perigo de que algo pudesse acontecer a ela e a seus irmãos aumentava, tanto que refere à mãe a função de salvá-los do pai. Configura-se esta tensão vivida por Meg como violência

doméstica, podendo ser referida também a violência doméstica do tipo psicológica, visto que seu pai ameaçava a segurança dos filhos.

A violência doméstica é todo ato ou “violência entre membros que fazem parte do contexto familiar e que utilizam à força e o poder pela imposição contra os mais frágeis” (AZEVEDO E GUERRA, 2000 apud PINTO, 2008, p.468), destacando-se nesta a cometida pelos pais contra seus filhos, seja ela psicológica, física, de negligência ou sexual. Esse tipo de violência prejudica o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes por possuir natureza interpessoal e intersubjetiva. A violência doméstica psicológica ocorre com a constante depreciação, rejeição, desrespeito, crises de raiva, ameaças e punições exageradas para com crianças ou adolescentes aplicadas por um adulto.

A separação encerra um contrato entre marido e mulher, mas não impede novos relacionamentos, com a separação, abre-se a possibilidade de construir um novo sistema familiar. Assim, a mãe de Eva casou-se novamente e ela passou a viver com uma nova figura paterna. Porém a presença do padrasto trouxe para a realidade de Eva mais violência, onde aquele que detinha a função de proteção abusou sexualmente dela durante sua infância.

A violência doméstica sexual configura-se pelo ato ou jogos sexuais com crianças e adolescentes, transgressões sexuais que acabam acarretando culpa, vergonha e medo na vítima que por isso tende a ocultar o abuso. Este tipo de violência mexe com o padrão e a dinâmica da família, envolve punições e separações, não é raro a criança abusada ser punida depois de relatar o abuso ou mesmo uma negligência das mães em negarem a ocorrência do abuso, uma complacência omissa (PINTO, 2008).

As noções de direito e respeito aos outros, a auto-estima, as maneiras de resolver os conflitos, as frustrações, as conquistas de objetivos, a capacidade de tolerar perdas, todas as formas de se portar diante da existência são influenciadas pelos relacionamentos que se vive na infância. Assim, o contexto familiar infantil invadido pela violência torna-se marca profunda no desenvolvimento do sujeito. É isso que estas mulheres relatam em sua história.

Mas, mesmo frente a obstáculos e desafios, tanto Eva como Meg, conseguiram viver suas vidas e seguir seus desejos e objetivos. Eva saiu de casa quando achou um homem que queria lhe proteger e suprir suas carências. Meg viveu sua adolescência mais tranqüila e buscou a profissionalização e o conhecimento que a instigava. Mas ambas sentiam que precisavam rever um assunto em aberto de suas infâncias e ambas foram em busca de seu pai.

Está busca pelo passado, mesmo dele tendo-se lembranças de certa forma negativas, reflete a família como base de todo relacionamento humano, onde tudo começa e onde tudo irá terminar. Assim como pontuado por Macedo (1994, p.63-64), os indivíduos que compõem a família estão “ligados por fortes laços de afeição e lealdade, não sendo a afiliação passível de demissão – nela só se entra através do nascimento, adoção e casamento e só se sai pela morte”, mesmo assim deixando muitas lembranças.

Reencontrar o pai teve, para cada uma dessas mulheres, situações e significados diferentes. Meg encontrou o pai quando este estava morrendo, tomou conhecimento de como este passou seus últimos anos através dos irmãos que descobriu ter. Já para Eva, reencontrar o pai vivo, alegre e jovial e descobrir que tinha muitos outros irmãos(ãs), supriu o sofrimento de perder o sogro, que foi a figura paterna que a protegeu durante muito tempo.

Mesmo com todas as dificuldades que tiveram de enfrentar, junto ou motivado pelas suas famílias de origem, Meg e Eva carregam consigo uma concepção de que suas famílias são muito importantes em suas vidas. Referindo-se, talvez, a família do imaginário coletivo, de qualidades ideais, o refúgio seguro para onde se volta depois das batalhas do cotidiano. Pois todas as famílias “têm problemas mais ou menos sérios; todas as famílias têm condições de enfrentamento das situações críticas da vida, maiores ou menores, porém, cada família tem suas peculiaridades” (MACEDO, 1994, p.68).

Assim como se assemelham em alguns fatos, essas mulheres distinguem-se em outros. Um fato em que cada uma apresenta uma visão e importância diferente é em relação a suas mães. Meg agradece a rapidez da mãe nos cuidados aos filhos, mesmo que para fugir do pai alcoolizado. Eva critica a postura da mãe em afastá-la de seu pai, também em ser ingênua e não perceber as atitudes do padrasto.

A concepção de família que Eva vivenciou produziu nela a necessidade de fazer diferente com a sua família. Eva preza a configuração familiar nuclear, o ideal que construiu para si representa pai, mãe e filhos reunidos, compartilhando vivências e transmitindo conhecimentos. As relações de Meg com sua família podem ser consideradas positivas, mas o ideal que a mantém é a configuração de companheirismo que construiu com seu marido.

Estar inserida nesta história promove um reconhecimento de que é a família lugar de vital importância ao sujeito, que interfere e modifica este a partir das relações. A família é matriz da identidade pessoal e social, nela se desenvolve o sentimento de pertença

adquirido pelo nome que fundamenta a identificação social, também promove sentimentos de independência e autonomia através do processo de diferenciação, permitindo a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro (MACEDO, 1994). A família é a fonte primeira de onde o indivíduo introjeta comportamentos e pensamentos que influenciaram todo o desenvolvimento e a construção do ser individual e social que somos.

### **Considerações Finais**

Apoiada nas histórias de vidas de duas pacientes e nas teorias em Psicologia, propus discutir como a família de origem a qual fomos criados na infância pode influenciar o adulto que nos tornamos. Orientada pela Psicologia Sistêmica que norteia minha prática como estagiária aprofundei o estudo das famílias de Meg e Eva. A Terapia Sistêmica dispõe a família à função de cuidar de seus membros, principalmente daqueles que mais necessitam atenção, visto que a família é um grupo formador de identidades pessoais, onde o processo de construção da personalidade está localizado. Mas não se precisa, sempre, estar frente à família como terapeuta para propor e promover mudanças em seu meio. A psicoterapia individual propõe um reviver para entender as configurações familiares e suas marcas na personalidade.

Assim, cabe ao “psicoterapeuta sistêmico fazer a escuta e, através de intervenções, criar pontes entre o ontem e hoje, re-significar situações vividas, trazendo para o consciente, para o presente, o passado que se perpetua” (CUNHA, GUIMARÃES, MOURÃO, 2008, p.154). Neste reviver e re-significar, Meg e Eva puderam falar sobre seus traumas, definindo suas vidas e libertando seus receios e medos. Minha função enquanto terapeuta está em motivar e inspirar os pacientes a articularem-se entre o que expressam e o que sentem, entre o que percebem e o como agem, potencializando formas de se organizar em relação a si próprio e às suas relações.

Para acompanhar o outro neste processo é preciso ser humilde, pois, antes de sermos terapeutas, somos seres humanos e o fato de sermos terapeutas não nos coloca em uma posição superior nem nos torna uma autoridade sobre relações humanas. “Devemos sempre ter a coragem para buscar em nós mesmos nossa sombra e nossos porões escuros para que possamos nos aceitar e nos respeitar como seres únicos que somos” (CUNHA, GUIMARÃES, MOURÃO, 2008, p.155).



## Referências

CASTRO, Maria Cristina d'Avila. Configurações Familiares Atuais. In MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia-familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

CUNHA, Genilce; GUIMARÃES, Edna de S. C.; MOURÃO, Rosana. Resgatar a autoridade parental: educar pais e filhos. In MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia-familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

MACEDO, Rosa Maria. **A família do ponto de vista psicológico**: lugar seguro para crescer. Cadernos de Pesquisa nº91, São Paulo: 1994.

PINTO, Daniela de Castro. O perigo pode estar em casa: uma visão sistêmica da violência doméstica na infância. In MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia-familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. Valores na Contemporaneidade da Família Brasileira: Crise? In MACEDO, Rosa Maria S. **Terapia-familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.